

# ANCESTRALIDADE E LUGAR: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CANTO OBSCURO ÀS RAÍZES, DE CONCEIÇÃO LIMA, E PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.

Pedro Henrique Pimenta de Sousa<sup>1</sup>

Sueli da Silva Saraiva<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo busca traçar um paralelo entre textos literários de duas autoras de literaturas em língua portuguesa que expressam suas “escrevivências” em poesia e prosa com histórias que dialogam entre si através de dois olhares: a ancestralidade e o lugar. Tanto Conceição Lima, em seu poema *Canto obscuro às raízes*, quanto Conceição Evaristo, em seu romance *Ponciá Vicêncio* evidenciam as condições de exploração e sobrevivência em meio aos problemas socioeconômicos, recordando os espaços natais e suas raízes ancestrais nunca abandonando os sentimentos e recordações de suas famílias. Para estabelecer um paralelo entre as duas obras, utilizaremos uma pesquisa feita em duas etapas (Ancestralidade, a partir das ideias de Palmeira, Maringolo, Santos e Miranda; e Espaço, pelas perspectivas de Bachelard, Duarte e Filho) que são, ao mesmo tempo, singulares, mas que também se complementam na formação de uma ideia geral em que, por nossa conclusão, colocam as duas obras em contato de aproximação, relacionando São Tomé e Príncipe e Brasil através de suas mulheres.

**Palavras-chave:** Literatura Africana em língua portuguesa. Literatura Comparada. Ancestralidade. Conceição Lima. Conceição Evaristo

## ABSTRACT

The present study seeks to draw a parallel between the literary texts of two authors of literature in Portuguese language who express their “scriptivencencies” in poetry and prose with stories that dialogue with each other through two perspectives: ancestry and place. Both, Conceição Lima, in her poem *Canto obscuro à raízes*, and Conceição Evaristo, in her novel *Ponciá Vicencio* illustrate the conditions of exploration and survival in the midst of socioeconomic problems, recalling the native spaces and their ancestral roots, never abandoning feelings and memories of their families. To establish a parallel between the two works, we will use a research carried out in two stages (Ancestrality, from the ideas of Palmeira, Maringolo, Santos and Miranda; and Space, from the perspectives of Bachelard, Duarte and Filho) that are, at the same time, , singular, but which also complement each other in the formation of a general idea in which, by our conclusion, they put the two works in closer contact, linking São Tomé and Príncipe and Brazil through their women.

**Keywords:** African Literature in Portuguese Language. Comparative literature. Ancestry. Conceição Lima. Conceição Evaristo

---

<sup>1</sup> Especializando em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa pela Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, polo Fortaleza.

<sup>2</sup> Professora adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Doutora e Mestre em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É pesquisadora na área de literaturas africanas de língua portuguesa

## 1. INTRODUÇÃO

As literaturas africanas em língua portuguesa vêm ganhando um destaque especial aqui no Brasil ao longo dos anos, seja pela maior acessibilidade aos autores e obras, seja pela proposta educacional que busca inserir o estudo das literaturas e história da África desde a educação básica. Hoje, podemos facilmente ter acesso a entrevistas, documentários, até as páginas pessoais e profissionais de autores contemporâneos, o que permitiu que nós brasileiros conhecêssemos mais sobre Mia Couto, Pepetela, Paulinha Chiziane entre outros. Porém, o continente africano é muito maior, mais amplo e tem muito mais histórias, saberes, tradições e conhecimentos do que vemos nas redes, assim, estudar cada vez mais e conhecer mais profundamente países como Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, por exemplo, que são países nem sempre expressados pelas grandes mídias, é fundamental para que possamos ampliar a visão que temos sobre a África.

Além disso, o resgate histórico-cultural que fazemos ao aprofundarmos nossos conhecimentos acerca do assunto nos ajuda também a entendermos ainda mais sobre nossas raízes afro-brasileiras (aqui, pedimos permissão para adentrar nesse lugar de fala, que não é nosso, mas que queremos contribuir com sua difusão e perpetuação), tão importantes para a construção cultural nacional, porém sempre colocada tão à margem dos estudos tradicionais. Ler autores afro-brasileiros é uma conquista cada vez maior em nosso país, e poder buscar essas raízes na própria terra de África, através do elo inquebrável que aqui temos com a mama África, é explorar mais profundamente as possibilidades e realizações que temos dentro de nossa cultura; e tal fato se torna ainda maior quando buscamos colocar à frente de nossa pesquisa duas autoras que são tão representativas dentro de seus países e literaturas.

Assim, este trabalho terá como enfoque o estudo sobre a autora são-tomense Conceição Lima, em seu poema *Canto obscuro às raízes*, e a autora afro-brasileira Conceição Evaristo, por meio de seu romance *Ponciá Vicêncio*, destacando, principalmente a importância de mostrar e exaltar a literatura de São Tomé e Príncipe, um país insular que é muitas vezes esquecido quando se fala sobre literaturas em língua portuguesa, mas que possui uma história e uma cultura tão importante para África, contribuindo para uma formação ainda mais ampla de quem o ler sobre as literaturas africanas.

Os textos das duas autoras, a são-tomense e a brasileira, conversam entre si, e este trabalho busca estabelecer, de acordo com a teoria de Tânia Carvalhal (2006), “uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas.” (p. 6), vendo tal relação não somente como uma percepção geral, mas um meio de elo entre essas duas percepções de mundo, ou, como afirma Conceição Evaristo, duas “escrevivências”. Vale ressaltar que o poema analisado faz parte de uma coletânea poética chamada *A dolorosa raiz de micondó*, fato que o coloca em um contexto poético mais amplo, pois, ao longo das páginas do livro, Conceição Lima traz referências das narrativas diaspóricas de si mesma e de seus ancestrais, interligando-os, porém, a uma raiz ancestral que os acompanhará eternamente.

Mesmo sendo de gêneros escritos diferentes, ambos apresentam uma trajetória de mulheres que se veem ligadas às suas terras e marcas ancestrais de maneira muito marcante nos dois textos, de tal modo que, ao ler ambos, a associação é naturalmente feita, e as ligações transpassam as letras e vêm até nos de modo que os traços de similaridade entre as duas obras são bem aparentes.

Nas palavras de Naduska Mario Palmeira, “a arte literária revela a capacidade de construção de um sentimento de pertencimento a uma ‘identidade nacional’” (2015, p. 1), ou seja, ambas as obras trazem a ligação entre as personagens e seu lugar, além de, como afirma Elisângela da Silva Santos, tratam-se de narrativas que “mescla, de forma tensa, passado, presente, recordação e devaneio”. (2019, p.44).

Por isso, este trabalho tem por objetivo realizar um estudo sobre as obras *Canto obscuro às raízes*, de Conceição Lima; e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, analisando, sob as perspectivas das mulheres em ambos os textos e suas ancestralidades, e da ligação entre a pessoa e o lugar, as obras citadas, além de observar sobre como a busca da ancestralidade se dá tanto nas escritas africanas quanto nas brasileiras e como a relação com o lugar de origem traz marcas importantes nas vivências da protagonista e do eu-lírico das obras. Também buscaremos propor um olhar transversal entre as relações de ancestralidade e espaço na vida das personagens dos textos analisados.

O Trabalho se dará através de uma análise comparativa a partir dos conceitos de lugar-natal (como espaço de origem das personagens apresentadas nas obras) e de ancestralidade (pela ligação com os avós do eu-lírico do poema e da protagonista do romance). Primeiro faremos um breve resumo sobre as duas obras, dando um

enfoque específico às noções vistas anteriormente, ancestralidade e espaço, mostrando como tais informações aparecem tanto no poema de Conceição Lima (e também a relação entre o poema e São Tomé e Príncipe), quanto no romance de Conceição Evaristo (mostrando também a relação da autora com o Brasil). Após isso, estabeleceremos os elos comparativos entre as duas obras, mostrando como elas, ao trazerem esses conceitos em seus textos, aproximam-se não somente enquanto textos literários, mas também enquanto representantes de seus povos. Por fim, trarei minhas conclusões a partir dos estudos realizados e da leitura analítico-comparativa das duas obras propostas.

Para este trabalho utilizaremos referenciais teóricos com base nos estudos acerca da teoria da literatura, literatura comparada e sobre as literaturas africanas em Língua Portuguesa. Inicialmente utilizaremos a abordagem sobre o que podemos entender sobre as relações com o espaço a partir do estudo sobre toponímia no artigo “Espaço e literatura: introdução à toponímia”, do prof. Dr. Oziris Borges Filho (2009) em consonância com as teorias de Bachelard (1989), principalmente a relação das personagens com seu espaço físico e socioeconômico. Também, para embasar a noção de espaço dentro dos textos escolhidos, tomaremos por base os estudos de Naduska Mário Palmeira (2016), Simone Pereira Schmidt e Fernanda Rodrigues de Miranda (2015) sobre Conceição Lima e Conceição Evaristo e suas relações com o lugar. Sobre a noção de ancestralidade, recorreremos a estudos específicos acerca das duas autoras, tomando por base os trabalhos de, novamente, Naduska Mário Palmeira sobre a autora são tomense, e Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo (2014) e Elisângela da Silva Santos (2019) sobre a autora brasileira, além de utilizar, também, artigos sobre as relações entre avós e netos na construção de uma identidade ancestral de Marcela de Melo Cordeiro Eulálio, Josilene Pinheiro-Mariz (2014).

Como norteadores da análise, adotamos os seguintes questionamentos: Há uma real relação entre as literaturas africanas e brasileiras? Como a ancestralidade é apresentada nos contextos brasileiro e são tomense? De que modo a figura do avô está ligada à ancestralidade nas obras *Canto obscuro às raízes*, de Conceição Lima; e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo? Como se dá a relação entre as personagens das obras analisadas e suas terras natais? Quais as relações de aproximação e distanciamento entre os textos de Conceição Lima e Conceição Evaristo?

Tais questionamentos levaram às seguintes hipóteses: Por terem, em sua trajetória histórica, contextos coloniais exploratórios pelos portugueses, as literaturas africanas e afro-brasileiras têm uma aproximação em suas abordagens e formas de ver e trabalhar o mundo a sua volta nos textos literários com predominância da ancestralidade africana; a ancestralidade, brasileira e são tomense, é marcada na vida e na cultura de seus povos, permitindo o contato deles com toda sua história e antepassados; nas obras, a figura do avô é, ao mesmo tempo, uma representação sentimental e histórico-ancestral, de modo que ela carrega consigo a história das famílias e a ligação entre o passado e o presente por sua conexão com as netas vistas nas obras analisadas; independente do contexto geral, tanto a personagem da narrativa quanto o eu-lírico do poema têm, na saída e na busca pelo retorno à terra natal, um objetivo de vida direcionando seus comportamentos e sentimentos ao longo de suas vidas. Por fim, Conceição Lima e Conceição Evaristo representam não somente as estéticas literárias que compõem seu fazer poético, mas toda uma ideia, uma representatividade, uma voz, que encontra, em seus textos, uma ressonância que as coloca em aproximação literária.

## **2. A EPOPEIA NÃO COMPLETA E O REENCONTRO DE SI NO RIO**

De acordo com Bachelard, a partir de seu estudo denominado *A poética do Espaço* (1958), o espaço teria uma forte ligação com o espírito e a alma humana, assim, os pensamentos e sentimentos criam “imagens poéticas”, de forma que elas podem ser vistas e vividas. Tal pensamento de Bachelard se faz muito presente quando analisamos estes textos literários produzidos por escritoras com ligações tão fortes com seus “lugares ancestrais”, seja são tomense, seja afro-brasileiro, marcando não somente a ideia de lugar, mas revelando uma expressão de pertencimento a este espaço, de forma que a relação entre eles seja uma linha contínua de ser parte daquilo, e não de, apenas, fazer parte.

No poema *Canto obscuro às raízes*, Conceição Lima eleva a ideia de pertencimento a um nível continental, de forma que, ao referenciar, intertextualmente,

o poema *Roots: The Saga of an American Family*, de Alex Haley <sup>3</sup>, a poeta são tomense faz uma relação entre seu país de origem, São Tomé e Príncipe, e o país referenciado por Haley, Gâmbia, de forma que, pela voz de Conceição, o pertencimento de ambos os autores seja relacionado à Mama África, como pode ser visto nos versos:

sim palpita um rijo coração, o rosto vivo  
 (...)
   
o riso e os dedos de todos os meus irmãos e irmãs.  
 (...)

Eu, a que em mim agora fala.

Eu, Katona, ex-nativa de Angola  
 Eu, Kalua, nunca mais em Quelimane  
 Eu, nha Xica, que fugi à grande fome  
 Eu que libertei como carta de alforria  
 este dúbio canto e sua turva ascendência.  
 (LIMA, 2006, p.16)

Nos versos, vemos que Conceição Lima não limita o seu ser às cidades, mas coloca seu espírito dentro de uma África maior que si própria. Inclusive, uma das grandes referências feitas pela autora como uma imagem poética representativa de seu espaço natal é a árvore Micondó, que inclusive faz parte do título da coletânea de poemas na qual o texto em análise está contido, como um elo em que suas raízes ainda estão vivas. Tais raízes, inclusive, configuram-se como parte do “ser África” apresentado ao longo do texto, já que, no passar dos versos, há uma passagem de localidades, de forma que, no início o eu-lírico está numa posição de “Não reconhecer no espaço conhecido de Libreville a própria origem expõe uma abertura a outra identificação. Ela se torna a passagem para uma nova explicação – necessária para a voz lírica – que, em paralelo, intui uma atitude reflexiva em direção ao passado” (PINTO e MOURA, 2017, p.20).

Mas, apesar de ser observada essa não identificação inicial com o local americano, há uma raiz mais profunda, um elo de “irmandade”, pois, mesmo não se

---

<sup>3</sup> Alexander Murray Palmer Haley foi escritor estadunidense muito reconhecido por trazer escritos que retratavam fortemente a escravidão e a situação dos negros nos Estados Unidos. Dentre suas obras principais podemos destacar a “Autobiografia de Malcom X” (1965) e o romance “Roots: The Saga of an American Family” (1976) que foi adaptado até para seriados e filmes.

reconhecendo lá, o eu-lírico se reconecta aos seus por essa “raiz de micondó” que une todos os seus, como afirma Hamilton:

[o] canto entoado pela voz poética é obscuro porque as raízes familiares e étnicas do afro-descendente são difíceis de verificar. Mas por causa do sucesso de Alex, um “primo” afro-americano na procura de suas origens de família e étnicas, o são-tomense, apesar de não descobrir em Gabão a aldeia de seus antepassados, continua a viagem à procura das raízes. (HAMILTON, 2006, p. 259)

Por mais que haja essa sensação de pertencimento, ao longo do poema vemos que há, sobretudo, o sentimento de saudade, saudade da terra, saudade do seu povo, saudade de suas raízes, saudade até mesmo de si, neste poema que pode ser considerado uma epopeia incompleta, já que, na tradição grega original do gênero, o herói sempre tem seu retorno à terra de onde saiu, essa terra que fica próxima do eu-lírico por meio do poema de Alex Haley, porém, que a própria não alcança, como afirma nos dois últimos versos ao dizer “Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure / Eu, a nómada que regressará sempre para Juffure.” (LIMA, p. 19).

Ressalta-se, ainda, que a autora, apesar dessa visão ampliada sobre o continente, não abandona suas raízes em seu país específico, São Tomé e Príncipe, principalmente ao se referir à ilha e ao mar, dado que o país africano é uma ilha de formação popular heterogênea, já que foi formada justamente pela mescla de pessoas de várias etnias e origens advindas do tráfico de escravos.

Em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, a imagem poética que reflete o espaço principal da protagonista do romance é o rio que fica perto de sua casa. O rio não é só um ambiente, ou espaço, em si, é, também, uma representação de seu ser, desde a infância até as descobertas da adolescência. É no rio que Ponciá busca o barro, fonte de arte e renda para sua mãe, que tem sua primeira experiência com o prazer sexual, que tem vivenciado a sua inocência através das crendices populares. O rio é, também, um pouco de Ponciá.

Assim, ao longo da narrativa de Evaristo, vemos que a ligação entre Ponciá e o rio vai muito além do vínculo da personagem com a terra, mas há, sobretudo, uma relação espiritual, advinda desde o ventre de sua mãe, que, para acalmá-la em seu ventre, foi ao rio e assim, virou filha do rio. Assim, há, o que Oziris Filho fala sobre a influência do espaço nas personagens de forma que “o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira.” (FILHO, 2008, p.2).

Ao deparar-se com a morte do pai, Ponciá resolve sair do espaço do profundo interior e ir para a cidade em busca de uma melhor condição vida. Tal fato traz a ideia da diáspora, fato tão comum em muitos países africanos, iniciada pela exploração escravista e hoje presente no trânsito global por várias razões. Isso também ocorre no Brasil, principalmente se analisarmos a situação destoante entre cidade e campo. Assim, a protagonista do romance se distancia de sua cidade, de sua família, de sua casa e, principalmente, do rio, e é esse distanciamento que mais causa aflição na personagem, mesmo ela conseguindo emprego, uma casa, um casamento, o rio sempre à mente para não deixá-la esquecer-se de si mesma, junto à escultura do avô, que será analisada posteriormente.

A grande retomada da personagem, após toda a distância de si mesma, foi o reencontro com sua família, depois de anos separados, ela, Maria Vicêncio e Luandi tiveram seus elos religados pela presença um do outro, e a volta para casa foi como uma redenção dos personagens, uma salvação, e, principalmente, uma retomada de suas vidas. Ao retornarem para casa, mais do o ambiente “lar”, Ponciá se reconectou com seu ambiente “ser”, através do rio:

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô<sup>4</sup> multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio. (EVARISTO, 2017, p. 111)

Esse retorno, pode-se perceber pelo trecho, é uma reconexão não só da personagem com ela mesma, mas também como um reencontro do seu povo com seu espaço de origem, marcando, também, esse fio, essa raiz, como a de micondó, que interliga seu povo à sua terra, como uma forma de trazer a história por meio de memórias, em sua maioria afetivas, como afirma Bhabha (1998), “transporta o significado de casa e de sentir-se em casa (...) através das distâncias e diferenças culturais que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação” (p. 199).

---

<sup>4</sup> Angorô, Angolô ou Ongolô é o inquite (divindade) da mitologia bantu que representa o arco-íris, trazendo, também, a fertilidade. (fonte: <https://www.giraseumbanda.com.br/materia/206/oxumare-nkisi-angoro.html>> acesso em 18/12/2021)

### 3. O AVÔ ANCESTRAL: VICÊNCIO E KUNTA KINTÉ (OU TALVEZ, QUEM SABE, ABESOLE)

Uma das ligações mais importantes que temos quando falamos em literaturas africanas e afro-brasileiras é o elo entre o ser e seus antepassados, com toda sua cultura, tradições, pensamentos e vivências ancestrais, talvez, inclusive, seja esse elo que ainda conecta escritores afro-brasileiros como Conceição Evaristo, com suas raízes africanas possibilitando, a partir disso, tal estudo comparativo com Conceição Lima, uma são tomense que, mesmo vivendo fora do país, não abandona sua ancestralidade.

Em seus textos, é possível ver muito claramente que as duas autoras trazem marcas constantes de suas tradições mais longínquas, as quais aparecem de diversas formas, levando em conta, principalmente, as trajetórias do eu-lírico, em Lima, e da protagonista, em Evaristo.

Uma marca constante da ligação com as marcas ancestrais nas histórias é a herança familiar, principalmente quando são referenciados os mais velhos, seja na figura de um idoso mais sábio da comunidade, um griot<sup>5</sup>, ou, mais recorrentemente na figura familiar do avô ou avó (mais recorrentemente na masculina), já que, como afirma Eclea Bosi (1994, apud SOUZA, SILVA e JUNQUEIRA, 2020), “função social da velhice é a de lembrar”.

E os velhos gritos  
os velhos gritos que detinham os segredos  
de ontem e de antes de ontem

Os velhos gritos que pelas chuvas contavam  
a marcha do tempo e os feitos da tribo

Os velhos gritos que dos acertos e erros  
forjavam o tênue balanço

Os velhos gritos que da ignóbil saga  
guardavam um recto registo

Os velhos gritos que na íris da dor  
plantaram a raiz do micondó (...)  
(LIMA, 2006, p. 14)

---

<sup>5</sup> O griot é uma das figuras mais importantes em África, pois tem como vocação e missão de vida transmitir as histórias, canções, mitos e ensinamentos orais ao longo das gerações. Podem fazer isso através de poesias e canções, por isso também são chamados de “guardiões das palavras”.

Em *Canto obscuro às raízes*, desde o título do livro que contem o poema, até os detalhes mais íntimos do texto, a ancestralidade vem, como dito anteriormente, dessa raiz que, tal qual a do micondó, interliga o eu-lírico com seu espaço tradicional em África. Como afirma Inocência Mata:

[...] A dolorosa raiz do micondó, em que a poetisa retoma a história, a geografia e a mitologia política não apenas do país, como no primeiro livro, mas de África, instaurando, a par do culto de uma identidade pan-africana, uma pesquisa as raízes ancestrais da insula equatoriana. (MATA, 2006, p. 236)

Tal ligação é constatada por marcas que vão sendo deixadas ao longo das estrofes, revelando, aos poucos, o que seria a origem desse eu-lírico, que pode ser vista como autobiográfica até, de acordo com Russel G. Hamilton, já que “constata-se que a ‘raiz dolorosa’ alude à lastimosa tenuidade da ligação que os habitantes de São Tomé e Príncipe mantêm com os antepassados oriundos do continente africano tão próximo” (HAMILTON, 2006, p.258).

Sem dúvidas, a marca de registro mais recorrente que é vista é a figura do avô, principalmente se observarmos a gradação presente quando ele é citado: “meu primeiro avô”, “meu último continental avô” (p. 11), “meu concreto avô”, “meu oral avô” (p. 12), “meu sombrio e terno avô / Meu inexorável primeiro avô” (p. 18) e “meu eterno continental avô” (p. 19). Cada palavra relacionada à figura do avô mostra um pouco da ligação da poeta com seu continente, suas raízes, seus ancestrais, partindo de uma ideia de primazia, depois de pertencimento ao local, à presença física, às heranças orais passadas através das gerações, até chegar a ideia de sombrio, já que, por conta do processo colonizatório são tomense, não é possível especificar de modo totalmente certo as raízes originais da maior parte da população; mas, principalmente, no final, quando se tem o avô como um “continente eterno”, ou seja, aquela raiz que sempre estará ali, a ligação com a ancestralidade que nunca se perde.

O eu-lírico de Lima também traz no poema em análise a noção de ela mesma não saber exatamente quem é seu avô, pois, em referência ao poema de Haley, inicialmente ela o nomeia como Kunta Kinte, porém, ela traz a dúvida ao dizer “talvez, quem sabe, Abessole”, ao mesmo tempo em que, de forma direta, diz-se neta de “Manuel da Madre de Deus dos Santos Lima / que enjeitou santos e madre / ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun Malé Lima” (LIMA, 2006, p. 17). Tais afirmações sobre perda de uma identidade, ao ponto de não ter certeza sobre seus descendentes

mais próximos, reforçam a força que a escravidão e a diáspora tiveram na região, uma ancestralidade castigada pela colonização.

Independente dessa referência ancestral enturvada pela história dos seus antepassados, o eu-lírico, de forma quase autobiográfica, em seus versos, exalta a pluralidade de suas raízes ancestrais pela figura do avô ao colocá-lo como herói de vários feitos e portador de todo um arcabouço que a faz sempre ter a possibilidade de que ela “regressará sempre a Juffure” (LIMA, 2006, p. 19).

Em Ponciá Vicêncio, a história do avô da protagonista é parte da história da maioria dos negros que foram escravizados aqui no Brasil. O vô Vicêncio, aquele que ria e chorava, é mostrado de forma bem explícita e de forma que se entrelaça com a própria história da protagonista, a qual, inclusive, acaba por construir parte da mesma personalidade do homem. Escravo, passou pela lei áurea e conseguiu uma “alforria”, que, na verdade, foi só no papel. Por conta de todos os traumas e violências, acaba por assassinar a própria mulher e quase cometer suicídio, conseguindo decepar apenas a própria mão, após isso, desenvolve distúrbios psicológicos, mas nunca é abandonado pelos filhos, esses que carregam consigo e seus descendentes o nome Vicêncio.

A primeira escultura que Ponciá faz com o barro é o próprio avô, que ela conheceu muito pouco, mas com quem criou um vínculo eterno, como diz no romance “O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio”. (EVARISTO, 2003, p.12). Esse avô também a liga com todas as suas marcas ancestrais e a uma herança que é descoberta ao longo da história: seu elo com o rio e Oxumaré, orixá que é tido como a “união entre o céu, a terra e a água” (ZOLRAK, 1997, p. 70, apud. MARINGOLO, 2014). A estátua do homem curvado com o braço para trás a acompanhou durante quase toda a vida, como um amuleto que a não deixava esquecer-se de si mesma e de sua família.

Ao fim da obra, Ponciá não se reencontra somente com o rio, ela se reencontra, também, com seu avô, com Oxumaré, com suas raízes, com seus ancestrais, ali, naquele momento, Ponciá é, também, África e todos os africanos que a precederam, Ponciá “Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-o-que-há-de-vir. (EVARISTO, 2006, p. 111)”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A BUSCA PELO CHÃO

A ancestralidade e a importância do espaço na construção narrativa e identitária em *Ponciá Vicêncio* e *Canto obscuro às raízes* as tornam obras que conciliam, entre si, as marcas de escrita de duas autoras que evidenciam suas épocas, povos e, principalmente, raízes, demonstrando, acima de tudo, o quão próximas são as literaturas africanas e afro-brasileiras, descendendo de um mesmo rio que floresce para o mundo. Por isso, os dois textos são tão próximos quando pensamos em suas estruturas mais amplas, como afirma Carvalhal ao se referir ao teórico tcheco Mukarovsky:

Mukarovsky aproveita dele as noções de "função" e de "dominante" para enfatizar que a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações. Por isso o estudioso tcheco não limitará o estudo da obra literária às relações internas dos elementos de sua estrutura, mas integrará essa estrutura a outras e estudará suas relações recíprocas. (CARVALHAL, 2006, p. 48)

Tanto Conceição Lima quanto Conceição Evaristo demonstram a busca, por parte das próprias escritoras que trazem a seus textos um caráter autobiográfico, por si e pelos seus, recorrendo a memórias, espaços, pessoas e a elas mesmas que, apesar de traçarem movimentos pendulares, como em *Ponciá Vicêncio* que sai, mas retorna ao seu rio, ou em peregrinação, como o próprio eu-lírico se mostra em *Canto obscuro às raízes* em que, mesmo sendo nômade, “regressará sempre à Juffure” (LIMA, 2006, p.19). Inclusive, no poema são tomense, Conceição Lima, ao mostrar-se como eu-lírico, correlaciona-se a outras figuras importantes e locais em África, nos quais é perceptível a construção da identidade dela como mulher africana a partir da junção de outras mulheres africanas que vieram antes:

Eu, a que em mim agora fala.

Eu, Katona, ex-nativa de Angola  
 Eu, Kalua, nunca mais em Quelimane  
 Eu, nha Xica, que fugi à grande fome  
 Eu que libertei como carta de alforria

este dúbio canto e sua turva ascendência  
(LIMA, 2006, p. 18).

Nesse momento, não temos um monólogo reflexivo, e sim um eco de vozes que construíram a identidade, construíram o ser da poeta mesmo que ela esteja distante fisicamente de sua terra, criando, assim, uma mama África que faz parte de um corpo muito maior que o próprio espaço geográfico do continente, mas um grande corpo composto por cada pessoa de seus povos, naquilo que Inocência Mata (2006) chama de identidade “afroinsular”<sup>6</sup> (p. 243).

[...]  
Por isso percorri os becos  
as artérias do teu corpo  
onde não fenecem arquivos  
sim palpita um rijo coração, o rosto vivo  
uma penosa oração, a insana gesta  
que refunda a mão do meu pai  
transgride a lição de minha mãe  
e narra as cheias e gravanas, os olhos e os medos  
as chagas e desterrros, a vez e a demora  
o riso e os dedos de todos os meus irmãos e irmãs  
[...]  
(LIMA, 2006, p.15)

Uma dessas raízes está aqui, no Brasil, proporcionando uma “afrobrasilidade” bem marcante e que dialoga com essas vozes pertencentes à mama África. Conceição Evaristo, sem dúvidas, faz parte dessa construção, trazendo em Ponciá Vicêncio, por exemplo, todas as marcas e vivências através dos relatos da protagonista que, mescla tão bem as tradições levadas do continente africano por seus antepassados, firmando em solo brasileiro um território que também é um pouco do ser São Tomé e Príncipe de Conceição Lima.

Essas marcas são deixadas ao longo do texto quando vemos desde a história do vô Vicêncio até a presença de personagens como Nêngua Kainda, uma anciã que é tida como conselheira-vidente-amiga-madrinha de todos que vivem na cidade natal de Ponciá, uma figura que remete às tradições orais e ensinamentos ancestrais, como uma griot. A presença do registro oral, inclusive, é fortemente presente em Ponciá Vicêncio, tendo, justamente, a marcação da fala como mais ativa que a escrita, como

---

<sup>6</sup> Tal expressão é referência a um outro ‘poema de Conceição Lima chamado “Afroinsularidade”, presente no livro *O útero da casa poesia*, de 2004

um diário em fala que vai se construindo a partir da memória, dando um caráter afetivo para os personagens, lugares e vivências.

O afastamento de Ponciá de seu espaço natal causa uma ruptura da protagonista consigo mesma, com sua família e, principalmente, com suas raízes, que foram fincadas em toda a representação que a sua casa e o rio traziam junto com a presença memorial de seu avô, único elo que ainda a liga com todo esse ambiente através da pequena estátua de barro que ela carrega consigo, mas seu vazio foi maior. “Ponciá havido tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio”. (EVARISTO, 2003, p.23).

Mas, assim como o eu-lírico do poema de Conceição Lima, a protagonista de Conceição Evaristo tem na memória uma esperança de resgate e de retorno, como afirma Maringolo em sua dissertação de mestrado:

A memória é construída por rastros, apontando para a sua incompletude, sendo também cheia de lacunas, espaços, vazios. Porém Ponciá agarra-se nessas sombras de memória, tentando preencher o passado-herança de Vô Vicêncio. A revisitação ao passado, ato realizado pela protagonista fundamenta-se no desejo de construir uma história dos seus pais, de seus antepassados, de Vô Vicêncio e de Vô Vicência, histórias tão grandes e que precisam ser narradas. (MARINGOLO, 2014, p. 93)

Justamente aí vemos a importância do poema e do romance analisados: as histórias, reflexões, pensamentos e sentimentos mostrados são, antes e tudo, uma busca pelo seu chão. Conceição Lima faz o seu São Tomé e Príncipe não somente um lugar físico, mas um sentimento, um ser são tomense, um ser África pela construção de todos aqueles que saíram ou foram retirados forçadamente de sua terra, porém que levaram e plantaram as raízes de micondó em várias partes do mundo, sendo uma delas aqui no Brasil, onde reverbera por vozes afro-brasileiras como a de Conceição Evaristo.

## REFERÊNCIAS

1. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
2. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

3. BORGES FILHO, Ozíris. Espaço, percepção e literatura. In.: BORGES FILHO, O. e BARBOSA, S. (Org.). Poéticas do espaço literário. São Carlos, SP: Claraluz, 2009. (p. 167 –189).
4. CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura comparada. 4.ed. rev. e ampliada. - São Paulo : Ática, 2006
5. COSTA, Dione Ribeiro. Ancestralidade em A dolorosa raiz do micondó, de Conceição Lima. 2016. 124f. Dissertação( Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB.
6. DUARTE, Roberta de Araújo Lantyer. O entre-lugar de Ponciá Vicêncio: O vazio como resistência. Revista Philia. v. 1, n. 1 . Porto Alegre, 2019.
7. EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
8. EULÁLIO, Marcela de Melo Cordeiro; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Artigo. Brasil e África: relações entre velhos e crianças a partir de provérbios. Anais V ENLIJE. Campina Grande, 2014.
9. HAMILTON, Russel G. A dolorosa raiz de micondó: a voz poética intimista, são-tomense, pan-africanista e globalista de Conceição Lima. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 7, p. 235-251, 1 dez. 2006.
10. Souza, R. J. de, Silva, J. A. de S. e, & Junqueira, C. C. (2020). Avós e netos: as representações da velhice na literatura infantil de língua portuguesa. Revista Crioula, (25), 20-46. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2020.169498>
11. LIMA, Conceição. Canto Obscuro Às Raízes. In: \_\_\_\_\_. A dolorosa raiz do micondó. Lisboa, 2006. p. 11-19
12. LIMA, Conceição. O útero da casa poesia. Lisboa: Editora Caminho, 2004.
13. MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memória. 2014. 132 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.
14. MATA, I. A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das ruminações afetivas. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 7, p. 235-251, 1 dez. 2006.
15. MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Ponciá Vicêncio: narrativa e contramemória colonial. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 15-29, 2019. DOI: 10.5007/2175-7917.2019v24n2p15.
16. MOURA, F. F. de, & BRAULE PINTO, A. de C. (2017). A colecionadora de fantasmas: apontamentos sobre sobrevivência e teor testemunhal na poesia de

Conceição Lima. Revista Criação & Crítica, (19), 16-30.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i19p16-30>

17. PALMEIRA, Naduska. O canto obscuro, as raízes: (re)escrita de identidades na poesia de Conceição Lima. Revista Mulemba, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016, p. 1-16.

18. SANTOS, Elizângela da Silva. Pelos fios da memória: infância e ancestralidade em "Ponciá Vicêncio". Anuário de Literatura, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 42-58, 2019. DOI: 10.5007/2175-7917.2019v24n2p2.

19. SCHMIDT, Simone Pereira. A poética de Conceição Lima e sua viagem entre mundos. *ContraCorrente: revista de estudos literários e da cultura*. número 7 (2015.2) / p. 150-157.